

INDISCIPLINA: UM PROBLEMA DO SISTEMA EDUCACIONAL A SER RESOLVIDO

Telma Aparecida Paião Miranda¹Miguel Fecchio²

RESUMO: No contexto escolar contemporâneo, o comportamento do educando, seja ele, resultado da idade, de um meio cultural, sócio-econômico, ou mesmo reflexo do comportamento do corpo docente ou da escola num todo, tem deixado muito a desejar. A indisciplina é tida como uma questão delicada e de difícil solução, o que não quer dizer que seja impossível de ser resolvida. A proposta é que sejam formados professores com uma visão humanista da profissão, que leve em consideração seu comportamento, o ambiente e o receptor de tudo isso, que é o aluno, ao impor regras e limites com relação a disciplina escolar.

PALAVRAS-CHAVE: indisciplina, autoritarismo, formação docente.

INTRODUÇÃO

Discutir sobre indisciplina é um grande desafio; pois o tema vai de encontro a visões conservadoras e arbitrárias que acreditam ser papel fundamental da disciplina manter padrões básicos de comportamento.

Tomando-se por base a literatura que discute tal assunto, percebe-se que a disciplina é um tanto histórica, e que muito dela tem sua origem no século XIX, pois o que estamos vivendo hoje, parece mais um ponto de vingança que se inicia, quando se sai da realidade platônica do Romantismo e se depara com a crueldade do Realismo/Naturalismo, somada ainda a um processo de transformações que ignora o silêncio, o medo e a submissão e “mergulha-se” num conceito deturpado de democracia, onde tudo é direito.

Este trabalho tem por objetivo discutir trabalho disciplinares no contexto educacional.

A realização deste trabalho, de desenvolvimento de base teórica, aconteceu devido a uma inquietude quanto aos problemas acontecidos em sala de aula, que são os atos indisciplinados.

Ao estudar, observamos que um dos grandes sonhos dos educadores sempre foi o estabelecimento da disciplina no contexto escolar. Apesar de todos os antagonismos econômicos e sociais, sempre se tentou alcançar este objetivo.

Tiba (2002) define a disciplina escolar como sendo um conjunto de regras a serem obedecidas, tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o ensino e a aprendizagem aconteçam. É a qualidade de relacionamento entre o corpo docente e o aluno no contexto escolar.

Ele diz ainda que, como em qualquer outro relacionamento humano, na disciplina há fatores que devem ser levados em conta; o *professor* precisa ter domínio de conteúdo e saber transmiti-lo, pois só assim ele será capaz de identificar as dificuldades e envolver seus alunos propiciando-lhes interesse. Ainda quanto à postura do professor em sala de aula, o autor diz que ele não pode fazer o que bem entender, deve haver um padrão básico de comportamento dos professores. Esse padrão defende a individualidade do professor e desrespeitá-lo significa transgredir as normas da escola.

Os *alunos* são “pontos chave” que necessita da fundamental motivação, pois quando interessados são muito

animados empreendedores e disciplinados.

O *ambiente* também interfere, já que, salas escuras, muito quentes, barulhentas e inadequadas ao número de alunos favorecem a indisciplina. A condição ambiental mais prejudicial, no entanto, é o estado psicológico do aluno.

Groppa (2001), psicólogo e educador ao falar de indisciplina ressalta que isso ocorre devido tanto às diferenças, preconceitos, erros e fracassos na e da escola, quanto à posição dos professores em relação ao aluno que se encontrar em situação de aprendizagem desfavorável e é referido como “problema”. Ele ressalta ainda que, o sistema de ensino brasileiro deixa muito a desejar, já que a escola deveria ser lugar querido pelas crianças e adolescentes, entretanto isso não acontece. No país ninguém se sente culpado pelos problemas escolares (a culpa é passada de uns para outros), mas ninguém se responsabiliza e, ao que parece, está difícil de reverter à situação da indisciplina na educação nos dias atuais.

Vive-se no país uma falsa democracia que prega diretos iguais a todos e justamente na educação estes direitos são diferentes para o filho do rico e do pobre. Destaca ainda, que o problema da indisciplina na sala de aula está no próprio professor que foi educado de maneira mais rígida (os mais velhos mandam e os mais novos obedecem) e ainda não conseguiu se adaptar aos novos mandamentos da nova sociedade. Em alguns casos, o professor desiste logo nas primeiras tentativas e acaba se acomodando, coloca a culpa na família do aluno (porque a mãe é desquitada, ou porque ela trabalha fora o dia todo e deixa o filho sozinho o dia todo e uma série de outras desculpas, como se esses fatos não acontecessem na vida de professores).

O autor chama a atenção ao justificar a indisciplina os alunos como sendo o resultado do comportamento indisciplinado do professor, com algumas frases como: “sangrar a ferida é doloroso”, “É preciso lamber as nossas próprias feridas a fim de curá-las”. Quando os últimos serão os primeiros, a fim de provocar uma análise sobre o futuro de uma geração carente de sabedoria, cultura e que depende dos educadores.

Segundo D’Ambrósio (2003:26), a educação desde os primeiros tempos privilegia o ensino já concluído, ignorando novos comportamentos, aos quais as crianças estão acostumadas quando ingressam na escola. Não é considerada a natureza livre e solta da criança. Então se exige rigidamente

¹ Graduada do curso de Letras da UNIPAR de Cianorte

² Professor da UNIPAR- campus Cianorte – Mestre em Educação – UFU, miguel@unipar.br

o silêncio. De acordo com o autor a disciplina não é o ponto fundamental para o aprendizado, e esse conceito precisa ser quebrado; devem-se abrir novos espaços e dar direito ao aluno a ter voz. Quando isso acontecer será dado o primeiro passo rumo à harmonia em sala de aula.

Na mesma linha de pensamento Ellen Key em Chanel (1977:152), afirma: “O maior crime da educação atual contra a criança é não deixá-la em paz”.

Outro estudioso do assunto, Nóvoa (2003) para responder à própria pergunta referente ao professor no caso de indisciplina feita no artigo “Cúmplices ou refêns?”, faz uso de um excelente texto de Severo de Melo (que mostra tal situação e as duas “faces da moeda”).

(Quando o assunto é professor) sobre indisciplina na escola.

É vulgar o regozijo de colegas por alunos angelicais. Os anos passam e nunca teriam problemas nas relações humanas escolares. As suas seriam o paraíso. (Os alunos ‘são uns amores!’). O clima letivo seria um permanente êxtase místico. A realidade é bem mais dura e, por isso mesmo, mais aliciante. No outro extremo há os mal humorados, desafiando cronicamente o rosário de suas amarguras pedagógicas, esse destino ingrato de ‘aturar os filhos dos outros’, crianças rebeldes que os pais não sabem educar. A escola seria, nesse caso, a própria imagem do inferno. Nem uma coisa nem outra. Os alunos não são anjos nem demônios. São apenas pessoas (e já não é pouco!).

E conclui que assim como os alunos; os professores não são anjos ou demônios, são apenas pessoas que trabalham para o crescimento e formação de outras pessoas. O que é muito.

Martins (1990) na sua obra “Didática Geral”, frisa que, autoridade é o resultado de poder que um indivíduo utiliza para que os outros cumpram sua determinação.

A insegurança do professor pode gerar a perda dessa autoridade, como também se observa na citação de Giraudaux :

Ele vinha destituído de um colégio onde os alunos obrigavam-no a andar só entre duas linhas traçadas a giz entre sua carteira e o quadro, e, durante os eclipses do sol, queimavam sua cadeira para enegrecer os vidros. Inseguro, a princípio, toda inquietude e toda esperança, tentava ler em nossos rostos se éramos trinta discípulos ou trinta carrascos, voltando-nos as costas de propósito *coragem suprema* para verificar que proveito tiraríamos dessa situação. Vários dentre nós, como “cowboys” que deixam, para atirar, seu casaco no revólver, estalávamos os dedos, as mãos nos bolsos. Ele estremecia, sem se voltar, sacudindo ombros essas balas anônimas.(apud Chanel 1997:150).

É necessário que o professor tenha certas características: ele deve ser simultaneamente firme e sereno; o seu não, mesmo dito com brandura, nunca deve converter-se em um sim, a não ser que haja razões suficientemente fortes para isso.

O professor deve ser líder ao construir pontes

favorecendo esperanças, idéias e oportunidades, estabelecendo relações de segurança, pois não se aceita conselhos ou perguntas de quem não se confia.

A criança e jovem procuram na escola incentivos que supram suas necessidades, e esses só podem ser alcançados através da segurança do professor. Seu modo de agir é que satisfarão as necessidades e seguranças do educando, advindo daí a autoridade moral do professor, que farão com que os alunos o obedeçam, o respeitem, o admirem e o amem, como um exemplo a ser seguido.

Por isso, é de grande importância que o professor desenvolva seu trabalho educativo com autoridade baseada na persuasão, uma vez que coação gera frustração, apatia, desinteresse e o afastamento dos alunos desmotivados. A mesma concepção se encontra nas palavras de Rabelais, (apud Chanel 1977:152). “Aqueles que se submetem a força são oprimidos e escravizados, desviam a elevada afeição pela qual estavam propensos, para alienar e impor esse jugo de escravidão, pois desejamos sempre coisas proibidas e cobiamos o que nos negam”.

Todavia, a liberdade não pode ser total, pois é impossível o ensino-aprendizagem em desordem. Devem ser estabelecidas normas disciplinares em benefício do próprio aluno. A escola não deve ser ‘recheada’ nem por uma disciplina autoritária, nem por uma liberdade utópica. E só deve ser exigido do aluno o que ele possa cumprir, já que a coação só é válida e aceita quando for favorável ao educando, como afirma a citação de Berge, (apud Chanel 1977:167); “seria evidentemente necessário que cada educando fosse conscientizado de que a ordem e a calma na classe são reclamadas em benefício dele, dos colegas e do mestre”.

Segundo Martins (1990), regras violadas exigem punição a fim de intimidar e educar o aluno, porém, o bom professor quase nunca pune, e quando o faz é sem ira, com atitudes serenas. Afinal, “se as palavras educam os exemplos arrastam”.

Essas observações nos remetem as palavras de Blaise Pascal:

A justiça sem a força é impotente; a força sem justiça é tirânica. A justiça sem força é impossível de contradição porque há sempre maus; a força sem justiça é passível de acusação. Cumpre, pois, colocar juntas a justiça e a força e, para tanto, fazer com que o que é justo seja forte ou o que é forte seja justo. (apud Chanel 1997:149).

Conclui-se com este trabalho que, cabe aos professores transmitir e ensinar valores aos educandos, a fim de criar uma relação de respeito e responsabilidade durante o processo de ensino-aprendizagem na busca de uma identificação dos verdadeiros limites do bom convívio social. Pois, a opressão escraviza o homem e faz com que ele busque a liberdade sem limites, e este fato se reflete na sala de aula através do comportamento dos alunos, que nada mais é que o espelho do momento histórico, político e social que a criança está inserida. Atualmente carregado de violências e injustiças.

Assim, é necessário que se repense tanto o sistema educacional a que os educandos estão sujeitos, quanto na formação que os professores têm recebido, pois a disciplina não se cria por normas particulares, mas por todo um sistema

de educação, organização e influências às quais as crianças estão submetidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, C. de M. Professores e pianistas. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 159, p.16, jan./ fev. 2003.

CHANEL, E. **Grandes temas da pedagogia**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1997.

GROPPIA, J. Indisciplina na escola. **Seminário Internacional de Educação**, Cianorte, set. 2001.

MARTINS, J. do P. **Didática geral**: fundamentos, planejamento, metodologia, avaliação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

NÓVOA, A. Cúmplices ou refêns? **Revista nova Escola**, São Paulo, n. 162, p.14, maio, 2003.

TIBA, I. O desafio dos professores. **Revista Profissão Mestre**, fev. 2002.